



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

PROJETO DE LEI 01-00117/2020 do Vereador Daniel Annenberg (PSDB)

"Altera a denominação do logradouro que menciona, no bairro da Bela Vista, Subprefeitura da Sé.

A Câmara Municipal de São Paulo **D E C R E T A**:

Art. 1º O Viaduto Martinho Prado, situado na Bela Vista, Subprefeitura da Sé, passa a denominar-se Viaduto Rachela Gotthilf.

Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, às Comissões competentes."

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 11/03/2020, p. 102

Para informações sobre este projeto, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0117/2020

Rachela Gotthilf foi uma mulher, judia e polonesa, sobrevivente do Holocausto. Rachela vivia com sua família no Gueto de Varsóvia, criado pelos alemães em 1940 para isolar a população judaica de Varsóvia. Em 1942, perdeu a mãe e os avós, executados no campo de concentração nazista em Treblinka.

Após o extermínio de sua mãe e avós, fugiu com os tios e o primo para o terreno de uma fábrica, próxima de Gabrownikos, onde viveram até fugirem para Ostrow Mazowiecka, logo depois das tropas alemães serem expulsas do território polonês pelos russos.

Embora a guerra tivesse acabado, os judeus ainda eram perseguidos. Uma das irmãs do seus tios, refugiada no Brasil, os convenceu a deixar a Europa e se mudar para o Brasil. Rachela desembarcou no Brasil em 1946. Em São Paulo, cidade onde viveu desde que chegou ao país, casou-se com Francisco Gotthilf, em 1950, polonês conhecido como o apresentador do programa Mosaico na TV, destinado à comunidade judaica, e tomou-se uma ativista comunitária importante.

Foi conselheira do grupo de bandeirantes da Avanhandava (CIP), trabalhou para o Fundo Comunitário, participou ativamente do crescimento da Bnai Brith no Brasil, através da Loja Oswaldo Aranha e, nos últimos anos, dedicou-se a palestras e encontros com as novas gerações, para transmitir suas experiências de guerra e tentar evitar que elas sejam esquecidas.

Falava o português da terra que a recebeu, aprendeu alemão para se aproximar da família do marido e orgulhava-se de falar hebraico fluentemente.

Faleceu em 7 de dezembro de 2019, em São Paulo, aos 89 anos.

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 11/03/2020, p. 102

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br.